

28-1-34

— 1 — 1934

Intrmissões indebitas

E' preciso que Rio Claro conheça, em seus primordios, uma das razões que me impelliram a vetar a nomeação do sr. Pupo para a Prefeitura local.

Não conheço pessoalmente s. s. Sei, apenas, que é candidato e parente do sr. Cesario Coimbra, que tem a pretensão de, por seu intermedio, mesmo que comprometta a boa fé do actual interventor de São Paulo, dominar a politica de Rio Claro. Dominando em Rio Claro, ganhará o sr. Cesario animo para estender os tentaculos de seu mandonismo no antigo oitavo districto eleitoral. Poderia ser justa a pretensão do sr. Cesario. Brasileiro, paulista, rico, filho de familia conceituadissima, com propriedade no districto, poderia, de facto, aspirar dominio politico nestas plagas. Não o fará em Rio Claro, entretanto, enquanto nos restar um pouquinho de alento para a lucta, e não o fará, porque conhecemos os processos politiquieiros de s. s., e de que é capaz o odio, a vingança e o despeito ao serviço de suas ambições politicas.

Mentalidade caudillesca.

Foi s. s. um dos principaes elementos que concorreram para a prevenção em que foi tido o glorioso Partido Democratico de São Paulo, fundado sob a inspiração de honestidade do conselheiro Antonio Prado, paradigma e esteio de uma nova ordem social e politica na terra dos Andradas.

Foi s. s. um dos principaes factores da desordem reinante no Partido, logo após a victoria de 30, creando, por isso mesmo, a situação de incompatibilidade entre o Partido e os revolucionarios de 22 e 24.

Foi s. s. que, em grande parte, concorreu para o desprestigio de seu amigo dr. Plinio Barreto quando secretario da Justiça no governo dos quarenta dias.

Eu mesmo fui testemunha disso.

Nomeado pelo Governo Revolucionario, membro da 1.ª Commis-são de Syndicancia do 8.º Districto, em companhia dos srs. drs. Moraes Barros Filho e João Silveira Mello, destes, em uma reunião havida na Prefeitura Municipal de Piracicaba, recebi a incumbencia de deliberar com plenos poderes no sector que ia de Rio Claro a Descalvado e Palmeiras.

O meu criterio firmou-se á vista do povo de minha terra.

Institui asylo inviolavel, as residencias do então dr. juiz de direito da cidade e sr. monsenhor vigario. Todo o cidadão de dentro ou fóra da cidade, que procurasse asylo, em razão de crença politica ou pelo facto de ter servido o governo decahido em qualquer cargo funcional, seria considerado inatacavel, sob a protecção da força que dispunhamos.

Era natural que, no instante da victoria das armas revolucionarias, abusos pudessem occorrer, e por isso mesmo, para tranquillidade de todos, para garantia dos mais comeseinhos direitos individuaes, os responsaveis pela situação deveriam ser os primeiros a respeitar e fazer respeitar a condição de vida e liberdade de todos.

De como nos houvemos nesse transe, está ahi a população do 8.º districto, a nos julgar.

Foi nesse periodo, que conheci a

força e propositos politicos do sr. Cesario Coimbra.

Certa noite, em minha residencia, ante lagrimas de esposa e filhas, ante supplicas de filhos, parentes e amigos, com expressão de terror impressa no ambiente, recebia eu a noticia de que em Araras e Descalvado o sr. Cesario Coimbra e seus amigos politicos, com autorização directa do sr. dr. secretario da Justiça effectuava prisões, ameaçava fuzilamentos e determinava sumiço aos presos adversarios politicos.

Immediatamente parti para a vizinha Araras, noite a dentro. A situação era de pavor. Fui recebido como um viatico de esperança. O receio dos perseguidos, entretanto, era maior que a realidade dos factos. Havia, sim, muitos presos na cadeia. Fui directamente ao delegação de policia. Declinei-lhe a minha qualidade e função. O delegado, antes de me franquear a visita á cadeia, pediu ordens pelo telephone ao sr. Cesario, que se encontrava na fazenda. Visitando a cadeia, ahi, num cubiculo, encontrei em situação vexatoria e deploravel, oito ou dez cidadãos descançando no assoalho com uns cobertores por forro. Dentre elles, em estado de profundo abatimento, encontrei o dr. Oscar Ulson, antigo deputado do P. R. P. e chefe politico adversario do sr. Cesario Coimbra.

Não discuti si eram ou não responsaveis por algum crime a ser punido pela Justiça Revolucionaria. De prompto, resolvi avocar os presos, afim de, na conformidade do decreto que instituiu a Commis-são de Syndicancia, da qual eu era membro, com amplos poderes no districto, agir posteriormente.

Mas antes da denuncia, antes de culpa alguma apurada, não era possivel continuasse, sob minha responsabilidade, aquella situação deprimente e enxovalhante.

Pois ainda assim, o sr. Cesario que nada era, que nada representava, que nada tinha que ver com isso, pôde mais que um membro da Commis-são de Syndicancia! E, bastou que manifestasse o seu modo de ver, para que o delegado o obedecesse.

Como eu insistisse em ser acatada a minha determinação, avocando os presos, o sr. Cesario vae ao telephone em companhia do delegado e dahi a meia hora volta, dizendo que o dr. Plinio Barreto tinha dado ordem para o delegado fazer seguir os presos para São Paulo...

Tive que seguir para São Paulo e providenciar lá a soltura dos mesmos.

O sr. Cesario nada era — como dizia — mas, mesmo assim, bastou apenas ser amigo pessoal do dr. Plinio, para poder mais que a propria lei revolucionaria... afim de fazer o mal, perseguir, encarcerar...

Si, sem ser nada, o sr. Cesario, ás vezes, pode tudo, imaginemos quando venha a ser "mandão"!

Dahi por diante, o sr. Cesario visando me inutilizar, porque vê em mim o maior obstaculo ás suas pretensões politicas no districto, começou de fazer campanha surda e por detraz das portas, apontando-me como protector dos perreipistas...

Isso até que, em nove de julho de 1932, s. s., ao assignar o manifesto da revolução paulista, só teve em mira atacar Rio Claro, mandando para cá, com determinação directa do commandante Salgado, emissarios seus, de madrugada, para "prender o dr. Fina e seus amigos". Não fóra a interferencia prudente e razoavel do dr. Brasílio Gonçalves da Rocha, e o sr. Cesario, ou teria nos encarcerado ou teria provocado sangue e morte em nossa terra.

O sr. Cesario conhecia, e bem, a nossa actuação publica. Fomos os primeiros, antes de quem quer que seja, a exigir a Constituinte. O sr. Cesario sabia que nós fomos os primeiros dos cidadãos revolucionarios que, em discursos publicos, reclamavamos e pleiteavamos do Dictador, a plena autonomia de São Paulo; o sr. Cesario sabia que nós advogavamos para São Paulo um governo civil, paulista e revolucionario; o sr. Cesario sabia perfeitamente que mais paulistas do que nós não havia ninguem em São Paulo; mas porque eramos e somos amigos de Miguel Costa, só por isso, deveriamos ser presos...

Não fomos presos, mas tivemos pela attitudde do sr. Cesario, a confirmação positiva de que a guerra não se ia processar, em nome dos principios da reconstitucionalização do paiz, da autonomia de São Paulo e da conquista de um governo civil e paulista, que, aliás, já possuíamos.

A revolução se operava com todas as características de uma contra-revolução. Guardamos a nossa attitudde de revolucionarios. Atravessamos a fronteira para não sermos presos, pelos que só sabem cavillar, perseguir e prender...

Quando sentimos que São Paulo se inflammára, ludibriado embora, na comprovação de uma intensidade civica e de sacrificio, e quando constatamos que a bandeira arvorada na lucta era a bandeira de São Paulo, admittimos a redempção do movimento, e já no Rio de Janeiro, no Palacio Guanabara, faziamos sciente que nos enquadriamos ás forças da Revolução, não com o proposito de combater São Paulo, mas na persuasão de, junto aos estados maiores das forças da Dictadura, podermos ser os vanguardeiros da paz e da concordia.

E foi o que fizemos. Não empunhamos fuzis. Não disparamos um tiro.

Vencedora materialmente a Dictadura, reclamamos para São Paulo o governo civil, paulista e revolucionario. O sr. Getulio não nos attendeu. Nomeou o general Waldomiro Lima. Afastamos-nos do seu governo. Nunca, nem uma só vez, durante a sua permanencia em São Paulo, fomos a Palacio. Nada lhe pedimos e nada aceitamos do seu governo. Veiu o general Daltro. Guardamos a mesma attitudde.

Assumiu a interventoria o sr. Armando de Salles Oliveira. Discordamos desse governo civil e paulista, porque queriamos civil, paulista e revolucionario. E isso, por entendermos que, honesta, moral e dignamente, São Paulo só terá a sua autonomia intangivel, e sómente será digno de igual para igual junto á Dictadura, ou sem ella, mas com os anseios da Revolução, com um interventor paulista, civil e revolucionario, vibrando com o heroismo de vinte e dois e vinte e quatro, e admirando e exaltando os verdadeiros valores de trinta e trinta e dois...

Mas, ao sr. Cesario não convem a coherencia de nossas attitudes, porque essa tem raizes em o circulo de nossa actividade, onde somos bem conhecidos, como aqui em Rio Claro, que mesmo após a exploração que se fez, de que luctamos contra São Paulo, mesmo na contingencia de termos que luctar contra o governo do general Waldomiro e do seu Partido Socialista; mesmo com o accumulo de candidatos, de filhos de Rio Claro, militando nos diversos partidos do Estado, mesmo assim, já fomos sagrados pela opinião de nossa terra, com bem mais de mil e seiscentos votos, na eleição para a Constituinte...

E, um povo como o de Rio Claro, que nos tem honrado com a sua bondade, nos fazendo propheta na propria terra, um povo que não conhece o odio politico, que desconhece as miserias das perseguições e chacinas, não merece, nem por um instante, ficar sob o jugo de mandonismo do sr. Cesario Coimbra.

Ainda ha dias, o sr. Cesario, abusando de seus recursos de intriguice porcalhã, aventava em São Paulo, que o dr. Fina está dirigindo, no oitavo districto, uma conspiração que visa depór o sr. Armando de Salles Oliveira!

E' o recurso da insidia e da falsidade, dessa politiquice sem entranchas a que se acostumou o sr. Cesario.

E agora mesmo, o sr. Cesario, que na sua propria terra não conta com a sympathia de tres quartas partes de sua população, abalançou-se a offerecer empregos e empreitadas rendosas ao sr. B. Pires Joly, fundador e ex-vereador eleito do P. D. nesta cidade, afim de que esse cidadão se accommodasse concordando com a resolução da acta de 14 deste, já publicada neste "Diário".

E' o processo da politiquice do sr. Cesario: dispór do bem publico, e das influencias do governo, para interesses politicos pessoais.

Si Rio Claro chegasse a admitir tal politica, com taes politicos, eu me naturalizaria chinez.

Rio Claro deu para o ciclo revolucionario de vinte e dois a trinta e dois, tributo de sangue.

E ninguem se votou ao sacrificio, para que essas miserias continuem.

Arme tenda noutros sitios, sr. Cesario!

JOAO FINA SOBRINHO

Autorizo a publicação no DIÁRIO DO RIO CLARO do artigo intitulado "Intrmissões indebitas" — na conformidade do original assignado, constante de cinco folhas "dactylographadas", sómente no verso, e no anverso rubricadas.

Rio Claro, 19 de Janeiro de 1934.

João Fina Sobrinho

(Transcripto do "Diário de Rio Claro", de 21-1-1934).